

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

LEONARDO VICTOR RODRIGUES

**O HOMEM E A CORRUPÇÃO DOS SEUS VALORES: a Educação do Brasil
voltada para o interesse do Capitalismo**

Juína-MT

2018

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

LEONARDO VICTOR RODRIGUES

**O HOMEM E A CORRUPÇÃO DOS SEUS VALORES: a Educação do Brasil
voltada para o interesse do Capitalismo**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da AJES - Faculdade do Vale do Juruena, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras sob a orientação do Prof. Me Fábio Bernardo da Silva.

Juína-MT

2018

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

**LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

Linha de Pesquisa:_____.

RODRIGUES, Leonardo Victor. **O HOMEM E A CORRUPÇÃO DE SEUS VALORES: a Educação do Brasil voltada para o interesse do Capitalismo.**
Monografia (Trabalho de Conclusão e Curso) – AJES - Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2018.

Data da defesa: ____/____/____.

Membros Componentes da Mesa Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Me. Fábio Bernardo da Silva
IES/AJES

Membro Titular: Prof. Me. Alberico Cony Cavalcanti

Membro Titular: Prof. Esp. Genivaldo Alves da Silva

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES – Faculdade do Vale do Juruena

AJES – Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, Leonardo Victor Rodrigues, portador da Cédula de Identidade – RG nº 11232 MTE/MT e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 033.982.031-40, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado O HOMEM E A CORRUPÇÃO DE SEUS VALORES: a Educação do Brasil voltada para o interesse do Capitalismo, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES - Faculdade do vale do Juruena, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e ao autor.

Juína-MT, _____ 2018.

Leonardo Victor Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho a minha família primeiramente; minha mãe Cleonice, meu pai Everaldo e a meu irmão Renato, assim como Stella Rysina e sua família;

Agradeço ao Marcel, que me apoiou e me apoia muito, ao Coordenador Fábio por me orientar, a Salatiel e aos meus amigos que não preciso citar nomes para saber quem são. Todos são importantes para mim perante este trabalho e nessa caminhada que é a vida;

Por fim, agradeço à Faculdade Ajes pela oportunidade e conhecimento que adquiri nesses anos, por todos os professores e dirigentes da Faculdade, assim como os colegas que adquiri ao longo do curso de Letras.

RESUMO

A Educação como um todo abrange a função de métodos de ensino que tem como objetivo garantir a formação pessoal e profissional do homem. A tarefa educativa incide na competência de levar o homem a desenvolver-se integralmente, mantendo o seu amor pelo saber e dando suporte à sua Liberdade. Porém, segundo o pensamento *weberiano*, o Capitalismo utiliza-se da Educação como um meio para o seu funcionamento; é um sistema econômico tendo como principal finalidade obter Capital, sendo assim, não tem a finalidade de formar os Valores do homem, mas sim dar a este uma formação racional, direcionada aos próprios interesses do seu sistema capitalista. A delimitação da temática focaliza-se no Brasil, e essa problemática evidencia-se não só nos dias atuais, como também é fruto de todo um contexto-histórico, que vêm desde sua origem no Ocidente. Para tanto, para fomentar esta problemática, foi investigado a história do Ocidente com o objetivo de entender como a Educação estava caminhando para uma prática voltada ao indivíduo, utilizando-se assim da perspectiva *platônica* e *socrática*. Entende-se a Educação como um complexo que advém da classe trabalho e, sendo também um dos interesses da Sociedade, tem influência direta e indiretamente com o Capitalismo através da formação de mão de obra para o Capital, portanto, esta investigação, ainda que restrita, foi realizada com a finalidade de entender como a área educativa brasileira evidencia os resultados ante ao homem, como um ser apto, primeiramente para o Capital/mercado de trabalho, e não para a formação de seus Valores.

Palavras-chave: Educação; Valores; Capital; Capitalismo; Sociedade; Liberdade.

ABSTRACT

The education as a whole covers the function of teaching methods that aim to guarantee the personal and professional formation of man. The educational task focuses on the competence to lead man to develop fully, maintaining his love of knowledge and giving support to his Freedom. However, according to Weberian thought, Capitalism uses Education as a means for its functioning; is an economic system whose main purpose is to obtain capital. Thus, it does not have the purpose of forming the values of man, but rather of giving it a rational formation, directed to the very interests of the capitalist system. The delimitation of the thematic focuses on Brazil, and this problem is evident not only in the present day, but also is the fruit of a whole historical context, which comes from its origin in the West. Therefore, this investigation, although restricted, was carried out with the purpose of understanding how the Brazilian educational area evidences the results before the man, as a fit being, first for Capital / labor market, and not for the formation of its Values. In order to foster this problem, the history of the West was investigated in order to understand how Education was moving towards a practice directed at the individual, using the Platonic and Socratic perspective. Education is understood as a complex that comes from the working class and, being also one of the instances of the Society, directly and indirectly assists with Capitalism through the formation of labor for the Capital.

Keywords: Education; Values; Capital; Capitalism; Society; Freedom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE OCIDENTAL: O AVANÇO DA EDUCAÇÃO GREGA E A RUINOSA IDADE MÉDIA.....	10
2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: A APRENDIZAGEM COM SUAS PRÁTICAS VOLTADAS AO CAPITALISMO	16
3 A EDUCAÇÃO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADA AO INTERESSE DO CAPITALISMO.....	20
4 OS VALORES DO HOMEM EM CONFORMIDADE COM A EDUCAÇÃO: NA PERSPECTIVA WEBERIANA.....	23
5 METODOLOGIA	266
CONCLUSÃO	277
REFERÊNCIAS.....	299

INTRODUÇÃO

Como um estudante pesquisador e observador do curso de Letras da faculdade da Ajes, a escolha por este tema de pesquisa justifica-se pelas observações de que a Educação na Sociedade brasileira tem suas práticas voltadas ao interesse do Capital, não sendo direcionada para formar os Valores do homem. E para tentar compreender esta problemática no Brasil, investigou-se à literatura crítica de Max Weber sobre o Capitalismo e resumidamente a Educação e sua origem no Ocidente, até a contemporaneidade, porque, em razão disso, tem-se uma perspectiva mais ampla da trajetória que teve essa Educação e a sua condição atual.

Para tanto, investigou-se de modo sucinto a Educação da Grécia, de Roma e assim como no período da Idade Média com o desígnio de não somente analisar como a Educação veio a retroceder, mas também, na perspectiva *platônica* e *socrática*, ter conhecimento ao ver da obra intitulada *A República*, de Platão, sobre uma Educação voltada ao indivíduo primeiramente.

Para um maior esclarecimento, utilizou-se da terminologia “Capital”, nesta Monografia, com vista à obra de Karl Marx intitulada *O Capital*, explanando esta como o lucro adquirido pela efetivação de um conjunto de práticas realizadas pelos indivíduos na Sociedade. Sendo assim, com o termo “Capital” pôde ser feita uma conexão com a Educação, visto que é a aprendizagem de indivíduos que permite sua formação para ter-se Capital. Também, nesse viés, observa-se que Karl Marx, mesmo diferenciando-se de Max Weber, foi utilizado não para manifestar seus conceitos sobre o Capitalismo, mas sim, somente para buscar a concepção deste termo.

O motivo principal a ser investigado nesta Monografia é, mediante os pensamentos de diversos autores aqui enaltecidos, principalmente Max Weber, apresentar a Educação brasileira ao longo da história, atrelada a um sistema capitalista, na qual tem suas práticas voltadas ao próprio interesse do Capital, primeiramente, e não ao indivíduo, dando assim uma má formação aos seus Valores.

Os motivos específicos deste trabalho são: analisar de que maneira os Valores do homem foram desencaminhados e “corrompidos” diante ao Capitalismo;

investigar como e porque a Educação está atrelada ao sistema capitalista e; por fim, analisar como a Educação Ocidental veio a retroceder na história.

Com base nisso, este trabalho atenta-se a uma pergunta norteadora, a saber: como o Capitalismo atua para o seu funcionamento utilizando-se da Educação como uma ferramenta, tendo suas práticas voltadas para o Capital? Deste modo, este trabalho problematiza a Educação, sua relevância no desenvolvimento do homem e da Sociedade no geral.

1 REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE OCIDENTAL: o avanço da Educação grega e a ruínosa Idade Média

Neste capítulo é exposto um apanhado histórico da Educação Ocidental, com seus progressos e declínios, mediante olhar das principais civilizações como a Grécia (3000 - 2000 a.C.) e a Roma (800 a.C.), assim como o período que estende-se a Idade Média (do século V ao XV). Esta investigação ocorreu porque além da enorme influência para com a Educação brasileira, na história do Ocidente é investigado que há um avanço da Educação voltada ao indivíduo, porém, em seguida a este progresso há um grande predomínio de uma Educação voltada aos interesses da elite, tendo assim um retrocesso da mesma.

O Brasil é uma Sociedade arquitetada mediante uma matriz Ocidental, com base principalmente em uma herança da cultura grega e romana, ou seja, a Educação brasileira foi difundida por estas duas civilizações supracitadas, cunhando valores que toda civilização Ocidental adota (DURKHEIM, 1995).

Logo, o modelo da Educação grega tinha como concepção desenvolver cidadãos bem-educados, com base nas grandes histórias e feitos dos heróis presentes nas narrativas homéricas; Para Tsuruda (1994), “A educação grega era modelar, centrada na figura do herói” (p. 4). Com isso, se inspiravam nas valentias destes heróis, almejando a formação de homens exímios em totalidade.

Em concordância com isso, Piletti (et al., 1990, p. 50) aborda que, os poemas homéricos – a Odisseia e a Ilíada – comprovam das ideologias dessa Educação, que concebe um duplo ideal de homem, isto é, o homem de sabedoria e o homem de ação. “Esse duplo ideal – sabedoria e poder de ação – tinha que ser atingido por todos os gregos [...]”.

Ainda em continuação ao pensamento de Piletti (et al., 1990), a procura de uma Educação nesses moldes só vai ser concretizada no século V a.C., pelas conquistas e auge de Atenas (capital da Grécia). E, é na ambição dessa procura que priorizava-se uma Educação voltada para a liberdade individual, assim como o desenvolvimento intelectual de cada cidadão ateniense.

Ou seja, é nesse íterim da história da Sociedade grega que é buscado uma

concepção de que a Educação do indivíduo possa ser direcionada para ele, e não para o Capital primeiramente.

Sobre este tipo de Educação, Abbagnano afirma que, a transmissão das práticas já obtidas tem maiormente a finalidade de permitir o aperfeiçoamento dessas práticas por meio da iniciativa dos indivíduos. Dentro dessa linha de raciocínio, a Educação é determinada não do ponto de vista da Sociedade, primeiramente, e sim do indivíduo: o desenvolvimento do homem torna-se a finalidade da Educação (1998, p. 306-307).

Segundo Piletti (et al., 2007), os princípios dos sofistas, sobretudo concretizado em praças públicas, não foi o bastante para consolidar uma Educação ambicionada pela Sociedade grega. Era um tipo de Educação fragmentada, racional, de certos assuntos de retórica, história ou lógica.

Foi aí que apareceu Sócrates (470 - 399 a.C.), que assumiu como apoio a máxima do princípio de que, para se chegar ao ápice da intelectualidade o homem carece, primeiramente, conhecer a si mesmo (PILETTI et al., 1990). Segundo Sócrates, é com base nessa concepção de consciência individual que a Educação do homem precisa ser orientada, isto é, precisa-se procurar compreender que conhecendo a si mesmo então entenderá sua finalidade de vida, tendo assim a formação plena de seus Valores.

No tocante à ideologia de vida de Sócrates ante aos cidadãos gregos, a Educação deve ser priorizada para um pensamento individual, voltada ao indivíduo. Logo, com esta investigação, tenta-se contextualizar perante estas ideias e sentimentos que, ao contrário a esta Sociedade grega, a Educação brasileira possui práticas educacionais voltadas primeiramente ao Capital, e não ao indivíduo.

Apesar de Sócrates não ter publicado por si mesmo seus pensamentos, coube a seu discípulo o fazer; em uma de suas falas, expõe:

Sócrates — As nossas prescrições, caro Adimanto, não são, como poderia julgar, numerosas e importantes; são todas simples com a condição de se observar apenas um ponto, único e importante ou, melhor, único suficiente. Adimanto — Qual é? Sócrates — A educação [...]. Porque [...] se forem convenientemente educados e se tornarem homens esclarecidos, compreenderão facilmente tudo isto [...] (PLATÃO apud CORVISIERI, 1997, p. 87).

Mediante a supracitado fato, de acordo com asseverações de Jaeger (1995), Sócrates pensava à luz da Educação que, esta não necessitaria se fundamentar em conhecimentos fragmentados, entretanto, deve despertar em sua mente a aptidão de buscar compreender a vida a partir do pensamento individual, tendo este uma formação íntegra dos Valores. É por meio do pensar de se tornar consciente que se adquire o real conhecimento. Essa era a máxima da maiêutica socrática: o surgimento das ideias, o “parto” das ideias, nascimento “sublime” dos pensamentos, das ideias que humanizam a vida.

Também pretende-se lembrar que, é a partir do final do século V a.C. que a Educação grega expandiu sobretudo sua prática de aprendizagem, especialmente para o lado do mundo Ocidental. São conhecimentos gregos no qual o homem tinha a liberdade para pensar/refletir, explorar e criticar por meio dele mesmo (PILETTI et al., 2007).

Um dos célebres intelectuais ao lado de Sócrates foi Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.); este foi considerado um dos grandes pensadores da Grécia; suas ideias deixaram profundas contribuições na área da Educação. Platão nasceu em Atenas, construiu a primeira escola de Ensino Superior no Ocidente e é um dos pensadores gregos mais notórios, ao lado de Sócrates que foi seu mestre, e de Aristóteles de quem foi tutor (PILETTI et al., 2007).

Segundo Platão (apud CORVISIERI, 1997), o conceito de Educação, de igual modo, não mudava do pensamento de Sócrates; mas sim constituía-se num pilar essencial e básico para o desenvolvimento integral do homem grego. Ainda para o autor supracitado, em sua academia, dedicava-se à concepção de teorias propostas à Educação para a construção de uma Sociedade na qual deve possuir cidadãos virtuosos, isto é, com Valores “incorruptíveis”, transformando suas “paixões” através da tolerância e da indulgência. Portanto, a Educação é a mais digna das ciências e propicia ao homem educado um bem supremo: saber viver.

Com base nessas argumentações, a Educação grega estava centralizada no pensamento de que o cidadão necessitaria, no decorrer de sua vida, ir cada vez mais sendo autônomo e equilibrado, porque, para Platão (apud CORVISIERI, 1997), as atuações, mesmo que voltadas para o caráter individual, se comprovavam no seio da Sociedade, na convivência diária entre os cidadãos. Ele persistia que as atuações são ações individuais, por isso faz-se indispensável aperfeiçoar os indivíduos para o

conhecimento de si e, logo, utilizando-se deste conhecimento para com a Sociedade.

Adiante a estes pensamentos e, sendo breve, o que observou-se nesta pesquisa sobre o modelo educacional grego é, que além de influenciar enormemente a Educação brasileira, possui na perspectiva *platônica* e *socrática*, uma Educação com suas práticas voltadas para o indivíduo, para que este desenvolva seus Valores, e não para o Capital primeiramente. Após à análise da Educação grega, nesta parte do capítulo será exposto a trajetória da Educação romana, como um retrocesso da mesma, na qual conduz suas práticas educativas ao interesse da elite.

Por sua vez, conforme o parecer de Manacorda (2006), o procedimento educacional do período grego deságua na Sociedade romana, sendo considerada como cultura greco-romana. A Roma possuía uma Educação com base na família patriarcal, ou seja, a autoridade máxima era a do pai e a mãe cuidava dos filhos.

Nesta Sociedade, para Manacorda (2006), às famílias mais abastadas, o ensino de professores particulares era mais viável, sendo efetivado através de educadores contratados para lecionar nas próprias moradas dos alunos e, muitos destes educadores, provinham da Grécia. Já para as castas mais inferiores, existiam escolas privadas com o objetivo de formar oradores para a vida política. Além dos estudos, os meninos seguiam o pai na vida no trabalho e, quando adultos, ingressavam no exército. Os serviços domésticos ficavam por conta da mãe e da filha.

Várias especificidades ou distinções da Educação romana em relação à grega devem ser destacadas. De tal modo, Piletti (et al., 2007), expõe que a particularidade geral e relevante desta Educação era o pragmatismo, melhor dizendo, uma inclinação para o modelo prático-social e o método imitativo, no qual foi seu prevaiente fundamento. No caso dos gregos, ao contrário, tiveram primazia por uma Educação para o indivíduo, um ensino mais livre. “[...] os heróis romanos, ao contrário, podiam ser imitados por todo menino romano [...]. O [...] romano tinha de tornar-se piedoso, respeitoso, corajoso, varonil, prudente, honesto pela imitação de seu pai e de outros romanos” (PILETTI et al., 2007, p. 75).

Para Manacorda (2006), sabe-se que a Educação da Grécia e da Roma influenciou enormemente a Educação brasileira, portanto, nesta parte do trabalho é

de suma importância que mostre-se qual a diferença entre estas duas Sociedades, em relação à Educação; porque se na Grécia vemos uma Educação voltada para o indivíduo, na Roma há uma fragmentação desta, com uma tendência à Educação voltada à elite, ao Capital.

O declínio da Educação romana, conforme autor supracitado (MANACORDA, 2006), dentre outros motivos, teve relação principalmente com a Educação pragmatista e ao descaso intelectual da maior parte da massa formadora do grande Império Romano, que induziu a outras dificuldades corrosivas e enfraquecedoras da Sociedade.

Em concordância, Monroe (1983 apud PILETTI et al., 2007) sintetiza a decadência da Educação romana que, como consequência, foi senão a principal geradora da queda do Império Romano no Ocidente, em 476 d.C., ao postular que a Educação já não tem como finalidade ser a Educação prática do povo, e sim de uma Sociedade que não tem consistência. Roma já não tem como escopo a formação de uma Educação plena para os homens, no entanto, a simples obtenção de distinção de uma classe beneficiada.

Em suma, contextualiza-se aqui que, neste capítulo, o ponto principal a ser criticado é pautado neste momento da história da Educação no Ocidente, ou seja, a divisão entre uma Educação voltada aos Valores do indivíduo (como na Grécia, inspirada nos pensamentos *socráticos* e *platônicos*), e por outro lado, uma Educação voltada ao Capital (como a de Roma). É desta forma que a Educação brasileira se forma. Nos dizeres do sociólogo Émile Durkheim (1995, p. 25) sobre a Educação Ocidental, afirma que: “[...] a matéria-prima de nossa civilização intelectual nos veio de Roma. É possível prever, portanto, que nossa pedagogia, os princípios fundamentais de nosso ensino vieram até nós da mesma fonte [...]”.

Nesse sentido, por volta do século V a.C., com a queda do Império Romano, houve a transição da Antiguidade para a Idade Média, o que prejudicou enormemente a Educação, já que se esta estava ruim, agora com toda a esperança que se tinha de melhora, acaba sendo assolada. Porque, posteriormente a este acontecimento, Roma se vê com a Educação fragmentada, e é tarefa da Igreja exercer uma ação de restauradora, conforme explica Manacorda (2006).

O autor supracitado ainda complementa essa afirmação elucidando que a

Idade Média estende-se do século V ao XV e, se antes na Grécia contemplava-se uma Educação desvinculada à Igreja, estabelece-se agora uma tentativa de conciliação da fé com a razão.

Os livros que tinham como herança grega foram protegidos nas abadias, mosteiros que preservavam obras da antiguidade, conservando livros em suas bibliotecas. Cabiam somente aos monges ter acesso ao conhecimento, pois eram os únicos letrados; explicando assim o forte poder da Igreja sobre a Educação e, portanto, um grande retrocesso da mesma (MANACORDA, 2006).

No século V ao XV na Idade Média, predominava o pensamento de que somente os filhos dos nobres estudavam; os servos, que eram os camponeses, não julgavam-se necessário ensiná-los, apenas torná-los cristãos. Com isso, caracterizada pela influência da Igreja, a maneira de cultivar o aluno era doutrinar o latim, preceitos religiosos e estratégias de guerras. Grande parte da população era analfabeta, não tendo permissão para ler livros (MANACORDA, 2006).

Deste modo, é por meio dessas adversidades que a Educação do Brasil surge, com uma Educação fragmentada. Assim como na Roma, a “Idade das Trevas” como é chamada a Idade Média, foi um período marcado por um retrocesso da Educação. Por conseguinte é que investiga-se a História da Educação no Brasil, na qual nota-se que é de conhecimento público a precária qualidade de ensino, onde expressa uma tendência à uma Educação com sua aprendizagem voltada ao Capital.

2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: a aprendizagem com suas práticas voltadas ao Capitalismo

Neste capítulo iremos discorrer sobre a história da Educação no Brasil com a as suas práticas voltadas ao Capital, porém, primeiramente, principiemos sobre a Educação de Portugal. É evidente que Portugal foi o país europeu que mais teve influência em relação a Educação do Brasil, principalmente na época da colonização. A herança lusitana mais óbvia é a língua portuguesa e, não obstante, teve outras incomensuráveis contribuições para o Brasil.

Ao longo de muitos anos o território brasileiro foi colonizado por Portugal, o que insinuou no transporte tanto de indivíduos quanto da cultura para as terras sul-americanas. Portugal e Brasil acabaram tendo uma história compartilhada até 1822 quando então adveio a independência do Brasil (1822) e, lembra-se também que quando Brasil era colônia de Portugal e ainda não existia Ensino Superior no país, muitos filhos da elite brasileira acabavam indo para Portugal para concluírem seus cursos superiores, e muitos concluíam o curso de Direito na Universidade de Coimbra (CARVALHO, 1986).

Conforme a constituição portuguesa, no cenário contemporâneo, todos os cidadãos têm direito ao ensino e o estado necessita garantir oportunidades iguais. O sistema educacional em Portugal divide-se em básico, secundário e superior. Atualmente, as escolas lusas operam em tempo integral, e é um dos países da Europa com carga horária mais alta (CARVALHO, 1986).

Contudo, há uma visão estreitada que Portugal tem do mundo, e vem da ditadura Nacional (1928-1933), que isolou o país na cena internacional e manteve as pessoas sob uma exploração fundamentada na ignorância, no medo e na pobreza (CARVALHO, 1986). Deste modo, o que deve-se destacar da Educação de Portugal em relação a do Brasil é que ambas sempre tenderam a um interesse da elite, de uma classe mais beneficiada, ocasionando em uma Educação fragmentada.

Sendo assim, exposto resumidamente sobre a Educação de Portugal, focaremos na história da Educação do Brasil. Em 22 de abril do ano de 1500 se dá início com a chegada dos portugueses a colonização do Brasil. Nesse século, as primeiras escolas criadas foram pelos jesuítas, que foram integrantes da Companhia de Jesus; uma ordem Católica Romana criada por Santo Inácio de Loyola. Não

existiam instituições escolares, mas sim espaços improvisados, Igrejas, casas e ambientes abertos, na qual lecionava-se sobre a religião, a leitura e a escrita (TEIXEIRA, 1969).

No Brasil, os portugueses foram os primeiros educadores, doutrinando os indígenas e a classe dominante, sendo excluídos os trabalhadores, as mulheres e os filhos primogênitos, pois estes tomavam conta dos interesses do pai. Possuíam um método de ensino limitado: indicavam a repetição dos exercícios como forma de ajudar na memória; o estudo era muito severo e, por vezes o aluno era exposto a punições físicas. A ideia era a de que o ensino era para alguns e os demais não precisavam aprender (TEIXEIRA, 1969).

É exposto aqui a forte tendência a uma Educação voltada para o interesse do Capital. Os Jesuítas excluíaam a classe mais desfavorecida, além de utilizarem do método de memorização, sem desenvolver a criatividade. No ver de Raymundo (1998, p. 43), “A Ordem dos Jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a Coroa de Portugal [...]. Ela é útil à Igreja e ao Estado emergente”. Isto é, “Os dois pretendem expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé”.

No século XVIII chega no Brasil Marquês de Pombal, com a finalidade de realizar a Reforma Pombalina, que buscava tornar Portugal um centro comercial capitalista. Sendo assim, em 1759, Pombal não só afasta os jesuítas de seus trabalhos como catequizadores, como também os embarca de volta para Portugal, onde então são presos. Essa modificação arruinou ainda mais a estrutura de ensino do Brasil e vários são os problemas para o sistema educacional, pois, se já estava limitado, agora se vê sem muitas alternativas. Até as medidas serem tomadas perpassou-se um período de 13 anos (TEIXEIRA, 1969).

Uma das Reformas de Portugal consistia em vigorar as Aulas Régias, sancionadas em Portugal pela licença de 28 de junho de 1759, determinando a chegada da Educação pública e laica. E, mesmo com mudanças sugeridas por Marquês de Pombal, perseverava ainda o cenário de uma Educação precária. Em 1808, a Família Real chega ao Brasil, verificando-se assim uma enorme modificação em várias áreas da Educação; trouxeram consigo conhecimentos distintos. Houve a criação de obras como a Biblioteca Real e o Jardim Botânico (TEIXEIRA, 1969).

Porém, o cenário da Educação no Brasil permanecia precário, mesmo depois da primeira constituição brasileira em 1824, na qual foi então estabelecida uma lei que concebia a formação de escolas de primeiras letras nas vilas e cidades. Somente em 1860 novas ideias começaram a permear na Sociedade; procurava-se transmitir nas escolas um ver mais liberal; enriquecendo assim as ideias de liberdade de consciência e de Educação; ou seja, preocupou-se mais com a Educação e, nesse lapso, aumentou a importância pela formação de professores, já que a indústria necessitava de mão de obra qualificada (TEIXEIRA, 1969). Em concordância, para Barbosa (2010), mesmo com as mudanças, à elite era conservada uma Educação continuada e, para o povo, a Educação permanecia fragmentada.

Continuando com o autor supracitado, para tentar mudar esse cenário precário, tem-se então a deliberação de um novo ideário, surgido no ano de 1882, a Escola Nova: um movimento que tenta renovar a Educação brasileira. A Pedagogia Tradicional que predominava neste período dava lugar a Escola Nova que tinha o objetivo de transformar a Sociedade. Este movimento constituiu em ser introduzido por Rui Barbosa (1849 - 1923), mas o que mais influenciou foi o pensador John Dewey (1859 - 1952).

A Pedagogia Tradicional é muito debatida, por ela ainda ser empregue atualmente, parcialmente ou imparcialmente nas instituições de ensino e, também, por ser polêmica, já que ela possui a função bem delineada onde o docente é a autoridade máxima, responsável em possuir o conhecimento e de transmiti-lo aos educandos que precisam ter a função somente de escutar e memorizar (BARBOSA, 2010).

Era imprescindível a alteração da Escola Tradicional para uma escola gratuita, moldadas no pensamento científico. A Escola Tradicional alocava o docente como o cerne de todo o método educativo, sendo evidenciado para com o aluno o autoritarismo. Ou seja, o objetivo fundamental é o aluno fazer exercícios e memorizar equações e ideias (DEWEY apud TEIXEIRA, 1976).

Perante todas as dificuldades confrontadas pela Educação brasileira, mostrou-se necessário no término do século, outro olhar, com o governo expondo projetos de leis, construindo escolas e produzindo discussões com a Sociedade. Nasce então nesse fervor do século XX, nos Estados Unidos e, chega ao Brasil nos

anos 60, a Pedagogia Tecnícista, mostrando nitidamente o caminho que a Educaçãõ traça, com o foco voltado para o mercado de trabalho, isto é, para o Capital, dificultando o desenvolvimento do homem quanto aos seus Valores (TEIXEIRA, 1969).

Nesse período, o intuito era o de adaptar a Sociedade ao ritmo industrial. Com isso, a Pedagogia Tecnícista necessitava modelar ao Capitalismo da época. Com base nisso, o professor e o aluno não são valorizados, mas sim a modernização, o Capitalismo. O professor mediante esta impotência diante à opressão, instiga o aluno com verdades científicas incontrovertidas, não trabalhando a reflexão e seu lado crítico (TEIXEIRA, 1977).

Esse tipo de ensino empregava estímulos para alcançar o retorno almejado, afeiçoando a conduta do indivíduo. Esta sugestão foi estabelecida no período da Ditadura Militar (1964 - 1985) no Brasil, onde era forçoso desenvolver mão de obra para o Capital (TEIXEIRA, 1969).

Para Freire (2005), nessa Pedagogia Tecnícista, o professor é considerado um atuante do processo educativo, sendo assim, é notado que a metodologia utilizada é muito focada no professor, pois não se dá vez a um pensamento divergente a este, para não ter-se controvérsias; logo o professor é quem determina as direções e as atividades trabalhadas.

Portanto, sabendo-se a origem da Educaçãõ do Brasil no Ocidente e seu contexto histórico até a contemporaneidade, além de expor como veio a retroceder, a seguir será investigado com mais clareza como esta Educaçãõ está atualmente atrelada aos interesses que são voltados ao Capital e não primeiramente ao indivíduo, nesse viés analisa-se criticamente a respeito da relação entre Capital e Educaçãõ no Brasil, e como se relacionam em nossas postulações.

3 A EDUCAÇÃO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADA AO INTERESSE DO CAPITALISMO

Neste capítulo, observa-se na perspectiva de Max Weber (2004), que o Capitalismo acaba utilizando da Educação como ferramenta para seu próprio interesse, para o Capital, não desenvolvendo a formação dos Valores do homem. Logo, investigou-se de que forma a Educação está atrelada ao sistema capitalista.

Para Karl Marx (apud FUSFELD, 2003, p. 84), o Capital é “[...] uma ferramenta do Capitalismo por meio do qual o tempo de trabalho que foi empregue, primeiro se transforma em lucro e, de lucro, em Capital”. E Hunt (1986, p. 238) complementa que, para Marx, o Capital é um meio de produção monopolizado por uma parte da Sociedade, onde o produto é a força de trabalho humano, sendo assim, o Capital surge como uma força social cujo atuante é o capitalista.

Sendo assim, inicia-se o capítulo com uma investigação ajuizada de Ponce (2005), no qual é altamente crítico ao avaliar a gênese (criação) da escola. Este entende que esta instituição originou-se do fato de que a dominação política não tinha mais os efeitos almejados em determinadas Sociedades. De tal modo, a precisão da formação de um aparato de dominação ideológica e intelectual para o funcionamento do Capitalismo teve como apoio utilizar da Educação como ferramenta para o seu Capital, criando assim a instituição escolar e o sistema educacional em um todo.

Ponce (2005), ao avaliar o sistema educacional, observou que constitui-se como consequência do momento em que a Sociedade acabou se estruturando em castas antagônicas (distintas), com o término da deliberada Sociedade primitiva. As necessidades e os interesses da classe social dominante acabaram delimitando então a área da Educação, isto é, na medida em que adveio a adequar-se para a dominação social de poucos sobre muitos.

A precisão de se acomodar do intelecto passou a ser vista como o rol da divisão social do trabalho e, com base nisso, a classe dominante adveio a ver a Educação como componente essencial para o funcionamento do Capitalismo (SOARES, 2003).

No raciocínio de Weber (1979), a Educação é umas das formas de dominação mais eficientes. Para ele, sem questionamentos, a prática educacional é uma das mais férteis para o processo de dominação, pois é nela que se constrói a divisão intelectual entre membros de um mesmo grupo social, estimulando assim a obtenção de lucro para o Capitalismo ter funcionalidade.

A educação é o meio mais favorável para garantir que o dominado aceite de modo pacífico sua condição e se submeta “amigavelmente” ao domínio capitalista. Para Max Weber, o sucesso desse processo que é o Capitalismo está ligado à necessidade de criar todo um aparato intelectual para o seu funcionamento (WEBER, 1979).

Em outros termos, Weber (1979), postula que o homem acaba “eliminando” a si mesmo em detrimento de sua incessante procura por privilégios sociais e *status*, obtendo cada vez mais lucro para o Capitalismo, distanciando-se cada vez mais dos seus Valores.

Sendo o Capitalismo um sistema “desumano”, conforme o mesmo autor, a Educação permite a formação de uma camada privilegiada na Sociedade, cujos membros, além dos privilégios econômicos, acabam adquirindo vantagens sociais. Nesse enfoque, compreende-se uma tendência à uma Educação para o Capital.

Para Scaff (1973), Weber reconheceu que a Educação poderia tornar o conhecimento um poder. E, Teixeira (1977), esclarece que os padrões das políticas educacionais são gerenciados pelo sistema capitalista, levando assim a um ensino-aprendizagem que independe das qualidades emocionais e existenciais; é uma Educação que caminha à indústria.

Em concordância, na crítica de Weber, a Educação é um “conjunto” de normas e conteúdos norteados para a qualificação de indivíduos que tenham capacidades reais de administrar a Sociedade de maneira racional. Um dos objetivos básicos no desenvolvimento da Sociedade moderna e capitalista é a construção de uma administração racional (RODRIGUES, 2001, p. 65-66).

Em afinidade com Max Weber (1979), em sua obra *Ensaio da Sociologia*, a Educação para o Capitalismo torna-se tão somente um meio para o seu funcionamento; é um sistema econômico tendo como principal escopo obter Capital. Ainda conforme o autor, no Capitalismo os indivíduos seguem instruções de como

precisam trabalhar, raciocinar, operar e o que necessitam saber; construindo o conhecimento e o desenvolvimento destes em Capital. Weber ao expressar sua “desilusão” sobre o Capitalismo, afirma que reduzia a Educação à mera procura por riqueza material e ascensão social.

Na perspectiva de Mészáros (2005) e em concordância com Weber (1979), complementa-se que a Educação tem sido um ambiente fértil para promover conhecimento e “produzir” indivíduos para o funcionamento do Capital. A Educação acaba tornando-se uma ferramenta essencial dentro do sistema capitalista, sendo “[...] concebida como produtora da capacidade de trabalho, potencializadora do fator trabalho. Nesse sentido, é um investimento como qualquer outro” (FRIGOTTO, 1999, p. 40).

Gramsci (apud SANTOS, 2008) tem a concepção de uma Educação que conduza o homem para o Capital, porém, antes a isto, este necessita ter formado vontades próprias e pensamentos críticos, estando capaz para dirigir e controlar melhormente sua vida, não sendo somente mais uma “máquina” do sistema capitalista.

Porém, atualmente, ao investigar a condição da Educação no Brasil, na perspectiva de Teixeira (1977), em nenhum tempo da história viu-se tão fortemente solicitada para dar a sua contribuição científica ao progresso da Sociedade. Mas para isso, a Educação deve ter a finalidade de levar o homem a atrever-se na sua ação, a criar por meio dessa ação, carecendo esse de Liberdade. Com esta fundamentação, a Educação mostra-se como um incomensurável palco de ocasiões para o homem se “libertar” e percorrer por seus próprios caminhos e aspirações. A Educação é possuidora de um leque de finalidades e expõe uma diversidade infindável de probabilidades para o homem e suas práticas.

Logo, para dar mais fundamentação teórica em relação aos capítulos anteriores e ao objetivo proposto, assim como esclarecer de uma maneira mais clara a temática desta Monografia, o próximo define bem sobre os Valores do homem na perspectiva *weberiana*, pontuando sobre a *racionalização* e o *desencantamento do mundo*; duas expressões utilizadas para explicar como o homem, diante uma Educação voltada ao Capital, tem seus Valores “corrompidos”.

4 OS VALORES DO HOMEM EM CONFORMIDADE COM A EDUCAÇÃO: Na perspectiva weberiana

Max Weber (1864-1920) é um dos maiores intelectuais do século XX. O seu pensamento sociológico traz múltiplos conceitos que podem ser essenciais no entendimento dos Valores que guiam a conduta do homem. Na perspectiva de Weber, “O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização [...] e, acima de tudo, pelo ‘desencantamento do mundo’” (1979, p. 182); competindo ao homem somente escutar a sua consciência, porque as virtudes que orientam a sua conduta se perderam. O homem vivencia um momento de duelo diante de todos os Valores.

A Educação, para Weber (2004), na medida em que a Sociedade se racionaliza de acordo com a história, não é mais o preparo para que o indivíduo compreenda sua função na conjuntura harmônica do contexto social. E nem é vista como meio de Liberdade. Torna-se o meio decisivo onde busca-se obter privilégios sociais. “O mundo [...] em que todos vivemos hoje, [...] ocidentais, é feito de matéria ou de seres que se encontram á disposição da humanidade, destinados a serem utilizados, transformados, consumidos, e que não têm mais [...] encantos [...]” (ARON, 2003, p. 795-796).

A *racionalização* é um elemento que está no cerne da Sociedade, e está ligada ao modo do indivíduo se interatuar no mercado capitalista, isto é, seu comportamento no mercado de trabalho (WEBER, 2004). E, complementando, segundo Pierucci (2003), o método de *racionalização* em Max Weber está ligado à formação da civilização Ocidental e às maneiras de como as instituições desenvolveram-se. Para ele, Weber buscava entender os caminhos traçados pelas Sociedades, em uma experiência de arquitetar um conjugado de moldes teóricos que auxiliariam na concepção de diferentes aspectos sociais destas.

Com isso, ainda para Pierucci (2003), a apreensão de Weber estava na tentativa de compreender os processos pelos quais a Educação teve impacto quanto ao pensamento racional do homem. Para ter-se esse resultado, portanto, foi analisado pelo mesmo, que Weber observou de que modo este método de *racionalização* está conexo com as mudanças que as Sociedades tiveram ao longo do tempo.

A *racionalização* na Sociologia está ligada a um procedimento no qual várias ações sociais baseiam-se em um processo onde um número crescente destas mesmas ações apoiam-se em ponderações de eficiência racional, em vez de aspectos derivados da emoção, da moral, entre outros (PIERUCCI, 2003). Logo, Weber (1979), aponta que a *racionalização*, de uma maneira “falsa”, é admitida como avanço; ou seja, na verdade tem-se um conflito negativo de “desumanização” da Sociedade.

De acordo com a citação anterior, o mesmo autor (1993) afirma que a *racionalização* para o homem compreende todos os segmentos sociais, e logo o homem está “aprisionado”. Contudo, compete ao mesmo uma Educação voltada aos seus Valores para assim habituar-se neste mundo “desencantado”, encontrando caminhos para a Liberdade.

Sobre o *desencantamento do mundo* para Pierucci (2003), é uma expressão que foi empregue em sua primeira vez na etapa tardia da vida de Weber, onde apareceu primeiramente no livro *Sobre Algumas Categorias da Sociologia Compreensiva*, de 1910, e também no seu escrito *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de 1920, e é considerada a sua obra mais importante.

O *desencantamento* em suas obras não denota “perda”, “ausência”; sendo que a terminação não é “desencanto”, como uma espécie de “decepção” ou “desapontamento”. Esta terminologia tem a finalidade de explanar o mundo e não o lamentar: “O desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma, quebrar o encanto” (PIERUCCI, 2003, p. 7).

Logo, conforme Weber (1993), *desencantamento do mundo* é perder o fascínio, o encanto, em um mundo onde existe uma “desmagificação” em relação ao homem. Isto é, complementa-se que o homem ante ao estilo de vida que vivencia, tem seus Valores “corrompidos” (como a fé, dignidade, verdade, etc.) desencaminhados.

Para o mesmo autor (WEBER, 1979), o mundo moderno é obra do meio de *racionalização* da vida Ocidental e possibilitou novos jeitos de os homens se correlacionarem; este possui Valores rompidos pela ínfima vivência. O homem se depara continuamente na necessidade de escolher entre escolhas conflitantes.

Incluso a isso, o mesmo questiona: “Como será possível salvar qualquer resquício de liberdade individual face a esse predomínio [...]” (WEBER, 1993, p. 61).

Ou seja, os Valores são gravemente afetados porque a Educação volta suas práticas exclusivamente para demandas do Capitalismo, descuidando-se do cultivo da própria Educação. É uma maneira de treinar em vez de cultivar o intelecto.

Em relação a isso, Weber (1993), afirma que educar no sentido de *racionalização* passou a ser essencial para o Capitalismo, porque necessita de um desenvolvimento do homem formado em padrões racionais. Assim como passou a ser uma das principais estratégias para o sistema capitalista, por se fundamentar pela lógica de custo, de benefícios, do lucro e do cálculo. Ou seja, para o homem, o mundo perdeu o “encantamento”, como diz Weber. Já Rodrigues (2001), complementa que Weber idealiza a Educação como uma ferramenta para ter-se um meio de obtenção de honras, de procura de poder e de dinheiro. Logo, existe um retrocesso das suas práticas enquanto formação dos Valores do homem.

Portanto, conclui-se esse capítulo com o saber de que na perspectiva *weberiana*, a *racionalização* e o *desencantamento do mundo* são presentes no sistema capitalista, logo, contextualizando o Brasil como também possuidor do Capitalismo como sistema econômico, tem a tendência a um “aprisionamento” do homem, tendo como objetivo formar um homem racional, sem valorizar suas emoções e, conseqüentemente, a formação de seus Valores.

5 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é expandida entremeio a publicação de materiais, como livros, artigos, bem como dissertações e teses. Conforme Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), a pesquisa bibliográfica “[...] constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

Por sucinto que seja, a análise do conteúdo deste trabalho demonstra sua natureza qualitativa, por averiguar uma realidade que não é quantificada. Além de ser realizado um levantamento bibliográfico. E para dar apoio e embasar as ideias aqui apresentadas, foi de suma importância as bases de dados SciELO e Google Acadêmico.

Nesta investigação foram agregados autores célebres, tendo como auxílio epistemológico Max Weber (1979), que explana sobre o *desencantamento do mundo* e a *racionalização* no Capitalismo; Durkheim (1975), sobre a Educação e a Sociedade; Platão (apud CORVISIERI, 1997), na qual serviu para alcançar o objetivo deste trabalho, dialogando juntamente com Sócrates sobre uma Educação voltada para o Indivíduo; dentre outros autores/pesquisadores que asseveram para uma compreensão mais ampla sobre o homem e a corrupção dos seus Valores, com a Educação do Brasil voltada para o interesse do Capitalismo, na perspectiva *weberiana*.

Para desenvolver a pesquisa buscou-se palavras-chave como por exemplo: Educação e Capital, Capitalismo, os Valores do homem, Weber e o Capitalismo, história da Educação Ocidental e brasileira, entre outros. Além de utilizar livros clássicos e renomados como *A República* de Platão, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber, *O Capital* de Karl Marx, *A História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias* de Manacorda, entre outros.

CONCLUSÃO

O resultado referente ao motivo principal desta Monografia é manifesto com o apontamento de que conseguiu-se não só apresentar a Educação brasileira ao longo da história, como também mostrou-se como esta está atrelada ao Capitalismo e tem uma aprendizagem direcionada ao próprio interesse do Capital e não do indivíduo, dando assim uma má formação aos seus Valores. Ou melhor, foi verificado, principalmente na perspectiva *weberiana*, que o Capitalismo necessita do seu funcionamento para conservar-se, para isso, como a Educação é um complexo que resulta da classe trabalho e, sendo também um dos interesses da Sociedade, tem influência com o sistema capitalista através da formação de mão de obra para o Capital. Portanto, há conseqüentemente uma aprendizagem conduzida para a formação de um homem racional.

Já os resultados dos motivos específicos são expostos mediante as assertivas de que os Valores do homem foram “corrompidos” e desencaminhados porque, na perspectiva de Max Weber, educar no ponto de vista da *racionalização* passou a ser uma das principais estratégias para o Capitalismo, por se basear pela lógica do lucro, de custo benefícios e de cálculo. Os Valores do homem são seriamente agravados porque a Educação, fadada a esta situação, direciona suas práticas para o funcionamento do Capitalismo.

Em relação a como e porque a Educação está atrelada ao sistema capitalista, tem-se o resultado de que a instituição escolar originou-se com uma tendência à interesses movidos pela política, de tal modo, a Sociedade viu-se na necessidade da formação de um aparato de dominação ideológica e intelectual para o funcionamento e conservação do seu sistema capitalista; é aí que apoia-se na Educação, porque o Capitalismo atua de forma a dividir a Sociedade, logo a classe dominante passou a ver a Educação como um componente essencial para a formação de homens racionais que de sustento a esse sistema.

Sobre o retrocesso da Educação brasileira em seu contexto-histórico, foi fruto de todo um sistema, uma tendência ao interesse da elite, que adveio principalmente com a Roma e quando ocorreu a ruptura da Antiguidade para a Idade Média por volta do século V a.C.. A Grécia possuía uma Educação mais voltada ao indivíduo com a perspectiva de Sócrates e Platão; por conseguinte, Roma tem a ideologia de

uma Educação voltada mais aos interesses próprios da elite e, com a queda do seu império, adveio a Idade Média, na qual prejudicou mais ainda a Educação. Porque, neste momento da história, os livros ficavam nas abadias e só os monges tinham acesso a esse conhecimento, preponderando ainda a ideia de que somente os filhos dos nobres tinham estudo.

Analisou-se também, na perspectiva *weberiana*, que a *racionalização* é falsamente admitida como progresso, distanciando o homem dos Valores reais, tendo uma tendência racional em vez de aspectos emocionais; assim como também discerniu sobre o *desencantamento do mundo*, no qual o homem perdeu o fascínio e o encanto da vida.

Em relação à pergunta norteadora, é observado que o Capitalismo atua para o seu funcionamento utilizando-se da Educação como uma ferramenta para ter suas práticas voltadas ao Capital. Compreendeu-se, assim sendo, que os modelos das políticas educacionais são orientados pelo sistema capitalista, e que a Educação é um conjugado de conteúdos direcionados para a qualificação de indivíduos que tenham aptidões de administrar a Sociedade racionalmente. Ou melhor, a Educação é um componente que colabora para o funcionamento de uma situação de dominação, pois é um sistema econômico que tem a basilar característica ter lucro.

Conclui-se esta Monografia após examinar a história da Educação no Brasil e sua origem no Ocidente, o ver de que a Educação voltada para o Capital ainda se mostra acentuada. Para tanto, tem-se a conclusão da análise, por efeito a estes capítulos expostos até então, que a Educação brasileira precisa direcionar, na perspectiva *platônica* e *socrática*, sobre uma Educação voltada ao indivíduo, assim como na perspectiva *weberiana*, sua aprendizagem para a formação dos Valores do homem e não em prol do Capitalismo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria Simara Torres. **História da Educação**. São Luís: UemaNet, 2010.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino, SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. Disponível em: <<http://fumec.bv3.digitalpages.com.br/>>. Acesso em: 08 de fev. 2018.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. v. 131, 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Educação e Sociologia**. São Paulo. Melhoramentos, 1975.

CARVALHO, Rómulo – **História do Ensino em Portugal – desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar** – Caetano – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: (re)exame das relações entre educação e estrutura econômica-social e capitalista**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FUSFELD, Daniel R. **A era do economista**. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 82 a 91.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 43^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1986. p. 218-242.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MANACORDA, M. A. **História da educação. Da Antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MONROE, P. História da educação. São Paulo: Nacional, 1979. In: PILETTI, C. et al. **Filosofia e história da educação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PIERUCCI, A. F. **O Desencantamento do mundo**: Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 2003.

PILETTI, C. et al. **Filosofia e história da educação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1990.

PLATÃO. **República**. São Paulo, Editora Nova Cultura, livro 1. Tradução de Enrico Corvisieri, 1997.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. (21ª Ed), São Paulo: Cortez, 2005.

RAYMUNDO, Gislene Miotto Catolino. **Os princípios da modernidade nas práticas educativas dos jesuítas**. 1998. 143 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. A escola unitária em Gramsci. **Cadernos da FaEL**, Universidade Iguazu. Faculdade de Educação e Letras. v. 1, n. 1, Jan./Abr. de 2008.

SCAFF, Lawrence A.. **Max Weber's politics and political education**. The American Political Science, (67): 128-141, 1973.

SOARES, R. **Educação, reprodução e luta ideológica**: Marx, Lenin, Gramsci e a escola. In: GUIMARÃES, A. et al. (Org.). São Paulo: Xamã, 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno**. 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. 245p.

_____. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969. 385p.

TSURUDA, M. A. L. Os modelos de educação feminina em Homero. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, São Paulo: FEUSP. vol, no. 03, 1994, p. 04- 23.

WEBER, M. **Parlamento e Governo na Alemanha Reordenada**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro. Editora S.A, 1979.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.